

do pela necessidade e por seu amor. Então, assim no campo, puseram-se primeiro de joelhos e adoraram-me. Depois, minha querida Mãe queria aleitar-me, mas eu recusava receber o leite, preferindo que antes eles se alimentassem, pois tinham disso grande necessidade. E assim agi sempre em tais ocorrências, para dar exemplo a meus irmãos que, vendo a necessidade do próximo, devem pospor-se a si mesmos e as suas necessidades, para socorrer a de outrem. Consiste nisto a perfeita caridade. Ofertei este ato ao Pai e supliquei-lhe que em virtude da caridade que empregava naquela ocasião, pospondo a minha necessidade à de Maria e José, se dignasse aceitar isso em suplência por todos aqueles que falham em virtude tão rara, e se dignasse dar a todos sentimento de caridade e compaixão para com o próximo; se não lhes fosse possível socorrê-lo nas necessidades, ao menos dele se compadecessem e o consolassem. O Pai tudo me prometeu, e só os corações que não são seus deixam de sentir tal compaixão, porque um coração verdadeiramente de Deus sente aquilo que meu Pai lhe comunica, ou seja, sentimentos de caridade e de compaixão.

Minha dileta Mãe e seu esposo José, sustentados com um pouco de pão e água, renderam as devidas graças ao Pai; pediram-me que aceitasse também eu o alimento que me vinha miraculosamente do seio de minha dileta Mãe e eu de boa vontade o aceitei. Mas tu, esposa minha, admiraste como sofreram minha querida Mãe e seu esposo José, e como meu Pai e eu suportávamos isso. Sabei que na maioria dos casos, quando eles se alimentavam e não encontravam outra coisa a não ser um pouco de pão e água — tal era quase continuamente a comida deles — pedia a meu Pai se dignasse condimentar este pouco de pão e de água com o sabor de sua doçura e amabilidade, a fim de lhes nutrir a alma com a graça, e o corpo com a suavidade que costuma trazer um alimento verdadeiramente abençoado por Deus, que então contém todo sabor. E depois mostrava-lhes meu rosto com ar amável e isto só bastava para enchê-los de doçura e suavidade, e por isso, saboreavam, o mais das vezes, em seu padecer, porque era condimentado o alimento com sabores do Paraíso, mais valiosos do que qualquer requintada vianda do mundo. Enquanto comiam tão prazerosamente, parecendo-lhe provar as delícias do Paraíso naquele pouco de pão e de água, eu os contemplava com grande amor e pedia ao Pai se dignasse comunicar aquela suavidade e fazer com que a saboreassem, se não de igual modo, ao menos em parte, as almas que vivem na penitência e se mortificam por meu amor e para imitar-me, nutrindo-se parcamente, que se privam das viandas delicadas e mortificam o próprio paladar. De fato, o Pai não deixa de fazer com que a tais almas pareça assaz mais delicado o próprio alimento, simples e sem condimento, do que o sabor de qualquer vianda gostosa e delicada para quem se deleita com alimentos requintados e superabundantes.

Tomei, também eu, meu alimento, a fim de que minha humanidade não sofresse descuido ao ter dele grande necessidade. Fruía minha dileta Mãe naquele instante da fortuna de oferecer-me a nutrição, porque o fazia com grande amor e gosto de sua alma. Agradecia ao mesmo tempo ao Pai, e suplicava-lhe se dignasse conceder a todos os meus irmãos o sustento necessário à conservação de sua vida humana, em particular os pobres que, se forem errantes, acham-se desprovidos de tudo. Prometeu-me o Pai que jamais deixaria perecer quem a Ele recorresse, e estenderia a todos universalmente a providência divina.